

KARINA YAN GLASER

A Família do Prédio Vermelho

ESTAMOS PARA FICAR



«Encantador e comovente.»

The New York Times Book Review

books.mil

Para o Dan



«A casa era o lugar mais acolhedor e agradável
do mundo.»

— ELIZABETH ENRIGHT, *SPIDERWEB FOR TWO*

«A minha casa e eu somos tão boas amigas.»
— L. M. MONTGOMERY, *ANNE DOS CABELOS RUIVOS*

Avenida Amsterdam

Avenida Convent

Rua Hamilton

Avenida St. Nicholas



Universidade



Avenida Edgcombe

Rua 141

Jardim

Apartamento do Jimmy Is

Drogaria

Mercearia

Igreja

Café Harlem

Prédio do Sr. Smiley e da Angie

Parque St. Nicholas



Padaria Castleman

Biblioteca

Apartamento da Allegra



Rua 139

Rua 138

Rua 137

Rua 136

Rua 135

Rua 134

Rua 133

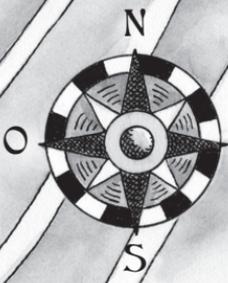
Rua 132

Rua 131

Avenida Frederick Douglass

Avenida Adam Clayton Powell Jr.

Avenida Malcolm X



Harlem

Zona Sul do Bronx

Rua 147
Rua 146
Rua 145
Rua 144
Rua 143 D.S. 939
Rua 142



Apartamento do Sr. Jones

Correios



Hospital de Harlem



Estrada do Rio Harlem

HARLEM

RIO

Ponte

Ponte da Avenida Madison

Autoestrada Major Deegan

Ponto de Venda do Sr. Ritchie



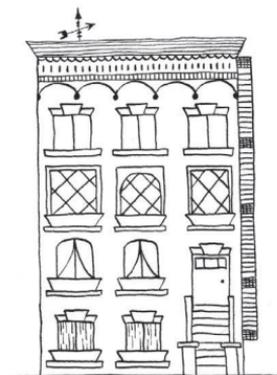
Jardim Comunitário





SEXTA-FEIRA, 20 DE DEZEMBRO





Um

Num calmo quarteirão da Rua 141, no interior de um edifício de arenito argiloso vermelho, os Vanderbeekers juntavam-se na sala de estar para uma reunião de família. Os seus animais de estimação — um cão chamado *Franz*, um gato batizado *George Washington* e um coelho de seu nome *Paganini* — dormiam a sesta no tapete, aproveitando uma rês-tia de sol. A canalização roncava no interior das paredes de pedra.

— Então, querem ouvir primeiro as boas notícias ou as más?

As cinco crianças Vanderbeekers olharam para os pais.

— As boas notícias — responderam a Isa e a Laney.

— As más notícias — replicaram a Jessie, o Oliver e a Cynthia.

— Muito bem — disse o pai. — As boas notícias primeiro. — Fez uma pausa e compôs os seus óculos. — Sabem o quanto a mãe e eu vos amamos, certo?

O Oliver, que tinha 9 anos e era bastante sagaz, pousou o livro e semicerrou os olhos.

— Vão divorciar-se? Os pais do Jimmy L divorciaram-se. Depois deixaram-no ter uma cobra como animal de estimação. — Bateu com os calcanhares dos ténis contra a pilha de enciclopédias antigas sobre a qual estava sentado.

— Nós não... — começou o pai por dizer.

— Isso é verdade? — sussurrou a Cynthia, com lágrimas nos olhos. A menina tinha apenas 6 anos.

— Claro que... — tentou explicar a mãe.

— O que é «diciar»? — interrompeu a Laney, que tinha 4 anos e $\frac{3}{4}$ e estava a treinar as cambalhotas para a frente no tapete da sala. Usava uma fatiota de xadrez vermelho, com riscas lilases e bolinhas verde-água que ela própria escolhera.

— Significa que a mãe e o pai já não se amam mais — explicou a Jessie, do alto dos seus 12 anos, lançando

um olhar furioso aos pais por trás dos seus grossos óculos pretos. — Que pesadelo.

— E que teremos de dividir o nosso tempo entre eles — acrescentou a Isa, a irmã gémea da Jessie. Segurava o seu violino e batia com o arco no braço do sofá. — Alternando férias e fins de semana, e sabe-se lá mais o quê. Acho que vou vomitar.

A mãe levantou os braços no ar.

— JÁ CHEGA! Calem-se... todos. O vosso pai e eu não nos vamos divorciar. Mas que ideia! Não comecemos da melhor forma. — A mãe olhou para o pai, respirou fundo e fechou os olhos por instantes. A Isa reparou nuns círculos escuros junto aos olhos da mãe que não estavam ali na semana anterior.

A mãe abriu os olhos.

— Recomecemos. Primeiro, respondam-me a esta pergunta: numa escala de um a dez, quanto gostam de viver aqui?

Os miúdos Vanderbeekers olharam ao redor da casa de pedra vermelha que se situava no bairro de Harlem, em Nova Iorque. Era composta por uma cave; um rés do chão com uma sala de estar que abria para a cozinha, uma casa de banho e uma lavanderia; e um 1.º andar com três quartos, um armário

amplo que havia sido transformado num quarto para o Oliver, e mais uma casa de banho, tudo alinhado em fila. Uma porta no rés do chão dava acesso a um quintal, situado nas traseiras, onde uma gata e a sua ninhada de gatinhos se abrigavam sob uma hortênsia.

Os miúdos pensaram na pergunta da mãe.

— Dez — responderam a Jessie, a Isa, a Cynthia e a Laney.

— Um milhão — disse o Oliver, ainda a olhar desconfiado para os pais.

— É o melhor lugar do mundo — anunciou a Laney, fazendo outra cambalhota e derrubando a estante de partituras da Isa. Os animais fugiram, com exceção do *Franz*, que nem sequer estremeceu, apesar de estar coberto de pautas.

— Vivemos aqui grande parte das nossas vidas — esclareceu a Isa. — É a casa perfeita.

— Se não fosse pelo Beiderman, claro — acrescentou a Jessie.

O Beiderman vivia no 3.º andar da casa de pedra vermelha. Era um homem bastante desagradável. E era também o senhorio.

— O *senhor* Beiderman — corrigiu o pai. — E tem graça que falem nele. — O pai começou a andar de um



lado para o outro. Tinha uma expressão tão séria que as rugas provocadas pelo seu eterno sorriso pareciam ter desaparecido. — Não esperei que isto pudesse acontecer, mas o Sr. Beiderman acabou de me dizer que não vai renovar o nosso contrato de arrendamento.

— Não vai renovar o nosso... — começou por dizer a Jessie.

— O idiota! — gritou o Oliver.

— O que é um contrato? — quis saber a Laney.

O pai continuou a falar como se os filhos não tivessem dito nada.

— Ora, portaram-se todos muito bem este último ano, respeitando o Sr. Beiderman e os seus pedidos de privacidade e silêncio — prosseguiu. — Quero dizer, acreditei mesmo que ele fosse correr connosco aqui há dois anos quando o Oliver lhe partiu o vidro com a bola de basebol ou quando o *Franz* confundiu a porta dele com a boca de incêndio. Acho estranho que esteja agora a obrigar-nos a ir embora depois de um ano sem incidentes. — O pai fez uma pausa e olhou para os filhos.

As crianças concordaram e olharam para o pai com expressões inocentes, todos com exceção do Oliver, que fazia figas para que ninguém se lembrasse do que

sucedera no início daquele ano, quando o seu disco partira um aspersor, fazendo com que um jato de água entrasse pela janela aberta do Beiderman.

O pai não mencionou o incidente com o aspersor. Em lugar disso, acrescentou:

— Temos de sair até ao fim do mês.

Indignados, os miúdos começaram a protestar.

— A sério? Temo-nos portado tão bem que devia haver auréolas por cima das nossas cabeças! — exclamou a Jessie, com os óculos escorregando-lhe pela cana no nariz.

— Eu há meses que não bato a bola de basquetebol no passeio! — declarou o Oliver.

— O que é um contrato? — perguntou novamente a Laney.

— A Isa tem de tocar violino naquela maldita masmorra! — lembrou a Jessie.

— Atenção à linguagem — avisou a mãe, ao mesmo tempo que a Isa confessava:

— Eu gosto de ensaiar lá em baixo.

O pai desviou a sua atenção para a Laney.

— Assinámos um contrato com o Sr. Beiderman. É um acordo entre nós e ele que nos permite viver aqui.

A Laney pensou naquilo que o pai acabara de lhe dizer enquanto se preparava para dar mais uma cambalhota.

— Então, isso quer dizer que ele não nos quer?

— Não é que... — a voz da mãe perdeu-se.

— Eu acho que o «Beetleman» precisa é de abraços — concluiu a Laney. Completou a cambalhota sem se magoar e depois deitou-se de barriga, procurando o coelho que se refugiara debaixo do sofá.

A Jessie olhou para o calendário pendurado na parede.

— Então é assim? Só nos restam 11 dias aqui?

— Ele vai mesmo obrigar-nos a mudar logo depois do Natal? — indagou a Isa.

— Será porque eu não consigo manter o *Franz* quieto? — perguntou a Cynthia ao mesmo tempo que roía as unhas. Quando o *Franz* ouviu a menina dizer o seu nome, abanou a cauda e abriu os olhos, fechando-os logo de seguida.

— Acho que a culpa é minha — declarou a Isa.

Os irmãos fitaram-na. Ninguém era capaz de imaginar que a perfeita Isa pudesse alguma vez ser a culpada por estarem a ser corridos de casa.

— Vocês sabem, por causa do violino.

— Crianças, a culpa não é vossa — interpôs a mãe.
— Lembram-se de quando, o ano passado, o pai e o tio Arthur instalaram aquelas janelas que ajudavam a poupar energia? Também isolavam mais o barulho do que as antigas. Fizemos tudo o que podíamos para convencer o Sr. Beiderman a deixar-nos ficar. Até lhe deixei uma caixa de macarons à porta. — A mãe pestanejou. Enquanto chefe pasteleira levava os macarons muito a sério.

— Que desperdício — resmoneou o Oliver, que também pensava o mesmo.

— E a nossa nova casa também terá uma cave? Para eu poder ensaiar? — quis saber a Isa.

— Só saio daqui se puder ter um laboratório de ciências na casa nova. Com um bico de Bunsen. E novos frascos em balão — declarou a Jessie num tom inflexível.

— E o meu quarto vai ser igualzinho a este, não vai? Tipo, exatamente igual? — perguntou o Oliver.

— E vamos mudar para aqui perto? Assim o *Franz* pode continuar a manter todos os seus cães amigos — inquiriu a Cynthia. Ao escutarem a intervenção da irmã, as outras crianças arregalaram os olhos. Não lhes ocorrera que podiam ter de deixar o bairro

onde conheciam toda a gente pelo nome, pela idade e pelo penteado.

— Vivi neste bairro toda a minha vida — disse o pai. — O meu trabalho é aqui. — A Cynthia foi a única a dar-se conta de que ele não respondera à pergunta e que não olhara ninguém nos olhos ao dizer aquilo. — Escutem, crianças, tenho de consertar o corrimão do 2.º andar e levar o lixo do prédio para a rua. Mas ainda não terminámos de falar sobre este assunto, OK?

O pai tirou o gasto fato-macaco azul do bengaleiro e vestiu-o por cima das roupas que usava para reparar computadores; o fato-macaco mais parecia o fato de trabalho de um mecânico de automóveis. O pai reparou nas expressões tristes dos filhos.

— Lamento muito. Sei o quanto gostam desta casa. Mas prometo-vos que vai correr tudo bem. — E saiu porta fora.

As crianças detestavam quando os pais diziam que ia correr tudo bem. Como podiam eles ter a certeza? Antes de os miúdos conseguirem voltar à carga com as perguntas, o telemóvel da mãe tocou. Ela olhou para o ecrã e depois de volta para os filhos.

— Tenho de atender. Mas... não se preocupem. Vamos falar mais sobre este assunto, prometo! —

As crianças ficaram a vê-la subir as escadas a correr, depois ouviram-na dizer: — Sim, senhorita Mitchell, obrigada por ter ligado. Estamos muito interessados naquele apartamento... — Seguiu-se o ruído da porta do quarto a fechar-se.

— Sair desta casa — disse o Oliver, quebrando o silêncio. — Era o que faltava! O Beiderman é mesmo um estúpido.

— Não me imagino a não viver aqui — comentou a Isa, ao mesmo tempo que dedilhava o violino. — Espero que não tenha sido a minha música a causar isto.

A Isa descobrira a aversão do Sr. Beiderman pelo instrumento seis anos antes, quando ainda frequentava a 1.^a classe. Estava a tocar a canção *Brilha, brilha, lá no céu* à porta da sua vizinha do 2.^o andar, a Sra. Josie. A meio da música, a porta do apartamento do Sr. Beiderman, no 3.^o andar, escancarara-se e ele gritara nas escadas que, se aquela barulheira não acabasse, ele chamaria a polícia. Logo depois batera com a porta com toda a força.

A polícia! Por causa de uma violinista com 6 anos! A Isa ficara lavada em lágrimas, e a Sra. Josie, com pena, convidara-a a entrar, servira-lhe bolachas num delicado pires de porcelana e oferecera-lhe um lenço

de renda para enxugar as lágrimas. No final, a vizinha insistira para que a pequena ficasse com o lenço e, até àquele dia, a Isa ainda o guardava na caixa do violino.

— Não faz sentido — disse a Jessie, andando para trás e para a frente entre o sofá e a janela. Passou a mão pelo cabelo emaranhado, ficando a parecer uma cientista louca. — A terceira lei de Newton diz que para toda a ação existe uma reação igual e oposta. Pensem só: o pai faz tanto pelo prédio. Mantém o alpendre limpo, varre as folhas, tira a neve. Poupa muito dinheiro ao Beiderman fazendo ele próprio todas as reparações. Por isso, onde está a terceira lei de Newton? O Beiderman correr-nos de casa *não* é uma reação igual.

— Eu quero ver um Newton! — exclamou a Laney.

— Não penso que essa lei se aplique nesta situação — contrapôs a Isa, ajustando, sem se dar conta, o bem arranjado rabo-de-cavalo para ficar ainda mais bem arranjado.

— As leis de Newton aplicam-se a tudo — argumentou a Jessie com um tom que indiciava: «Tenho razão e ninguém me convence do contrário.»

— O tio Arthur costuma ajudar nas reparações maiores — comentou o Oliver, enquanto procurava

na pilha de antigas enciclopédias o exemplar marcado com a letra «N».

— O pai faz todos os consertos diários — salientou a Jessie. — E arranja o computador do tio Arthur quando deixa de funcionar.

O Oliver retirou o tomo correto da pilha de enciclopédias e folheou-o.

— O Newton é este tipo — disse ele para a Laney, apontando para a fotografia no livro.

— Tem um cabelo muito bonito — comentou a menina, ao mesmo tempo que passava os dedos por cima da imagem.

— Não leias isso — ralhou a Jessie. — Esses livros têm 60 anos e estão cheios de incorreções científicas.

— OK, malta — interrompeu a Isa. — Voltemos ao que interessa. Eu diria que temos até ao Natal para convencer o Beiderman a deixar-nos ficar.

— Mas isso são quatro dias e meio! — exclamou a Jessie. Olhou para o relógio. — São 106 horas.

— Exatamente. Menos de cinco dias, malta. Alguém tem alguma ideia?

— Dar-lhe muitos abraços? — sugeriu a Laney.

O Oliver esfregou então as mãos e arqueou uma sobrancelha.

— Vamos grafitar-lhe a porta. — Fez uma pausa dramática. — Com palavrões.

A Isa ignorou o irmão.

— Laney, acho que tens razão. Devíamos tentar fazer coisas simpáticas pelo Beiderman. Para que mude de opinião a nosso respeito.

A Jessie e o Oliver não pareciam muito convencidos. A Cynthia tinha um ar assustado. E a Laney parecia pronta a distribuir abraços. Montanhas de abraços.

Após um demorado silêncio, o Oliver encolheu os ombros e disse:

— Estou disposto a fazer coisas simpáticas por ele. Se ele nos deixar ficar.

— Acho que também posso tentar ser gentil com ele — declarou a Jessie. A Isa mirou-a com um olhar agradecido. — Mas se não resultar, eu e o Oliver vamos grafitar-lhe a porta. O que achas, Cynthia?

— Ele mete-me medo — respondeu a menina, chupando o dedo mindinho.

— Seremos cinco contra um! — lembrou o Oliver. — O que poderá ele fazer contra nós?

— Eu tenho a certeza de que serás capaz — disse a Isa para a irmã mais nova. — Tens de canalizar a Cynthia, «A Corajosa».

A menina acenou com a cabeça, mas continuou a morder o mindinho.

A Isa refletiu em voz alta:

— Não seria fantástico se fôssemos capazes de convencer o Beiderman a deixar-nos ficar? Seria como dar à mãe e ao pai o melhor presente de Natal de sempre.

Os miúdos Vanderbeekers puseram-se a pensar como seria dar aos pais o Melhor Presente de Natal de Sempre. Claro que a Cynthia já tinha feito os presentes para os pais — terminara essa tarefa há dois meses —, mas agradava-lhe a ideia de um presente de grupo. O Oliver, que passara bastante tempo a imaginar o que iria receber nesse Natal, lembrou-se de que também deveria oferecer presentes.

— A mãe e o pai merecem um presente fantástico — decidiu o Oliver. — Vamos guardar segredo.

A Isa fitou-o.

— Ainda não tens presente para eles, não é?

O Oliver apressou-se a mudar de assunto.

— Se é segredo, então nós temos de garantir que *vocês-sabem-quem* não diz nada. — Apontou para a Laney.

— Laney, isto é segredo — informou a Jessie.

— Certo — concordou a menina de imediato.

— Certo o quê? — insistiu a Jessie.

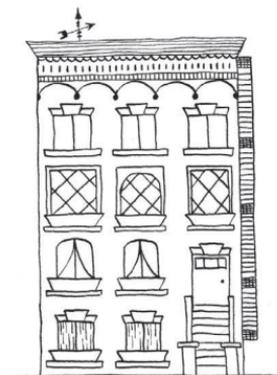
— Certo, vamos ser simpáticos para o «Beegermack»
— replicou a Laney.

— Sim, mas não podemos contar nada disto nem à mãe, nem ao pai. Certo, Laney? — incitou a Jessie.

— Certo!

As cinco crianças começaram a trocar ideias sobre a melhor forma de conquistar o homem que vivia no 3.º andar. A «Operação Beiderman» tinha oficialmente começado.

Tentaram sentir-se otimistas com o plano traçado, contudo, na cabeça de todos rodopiava o mesmo pensamento: como se travava amizade com um homem que nunca se viu e que não sai do seu apartamento há seis anos?



Dois

O lado norte da Rua 141 estava repleto de casas de pedra vermelha encostadas umas às outras como soldados a marchar em formação. Os edifícios tinham todos mais ou menos a mesma altura, com um andar ao nível da rua (chamado o rés do chão) e mais três andares por cima desse. Algumas daquelas casas de arenito, como aquela onde os Vanderbeekers viviam, também tinham uma cave, que a Jessie apelidava de «masmorra».

Embora todas as casas da estreita rua ladeada de árvores fossem do mesmo tamanho, cada uma tinha a sua própria personalidade. Um delas era rechonchuda — como um avô bem-disposto e bem alimentado —

e exibia uma fachada curva e arabescos decorativos por cima de cada janela arredondada. Um pouco mais abaixo ficava uma casa perfeitamente simétrica, com um temperamento mais régio, e que contrastava bem com o seu frívolo vizinho, um edifício de arenito castanho com vistosos torreões e tabuinhas multicoloridas no telhado que brilhavam nos dias de sol.



No lado sul da rua podia ver-se uma mistura de edifícios mais amplos e em cada extremidade do quarteirão havia igrejas que tinham recentemente celebrado os seus centenários. Mesmo ao lado de uma das igrejas ficava um estreito baldio, que a Sra. Josie falava sempre em transformar num jardim comunitário e que o Oliver desejava converter num campo de basquetebol.

Dois quarteirões para oeste, ficava um estreito parque construído numa colina rochosa. No cimo da colina elevavam-se uma série de estruturas que pareciam castelos e que pertenciam à Universidade City College de Nova Iorque.

Todos os passeios da Rua 141 eram largos, mas a estrada era estreita. De ambos os lados do passeio erguiam-se majestosos postes de iluminação pública que distavam 50 passos uns dos outros. Os postes elevavam-se acima dos primeiros andares das casas de arenito e em seguida curvavam como ondas prestes a abater-se sobre a areia. À noite, o brilho quente das luzes dava aos transeuntes a sensação de que aquela rua deveria ter tido aquela mesma aparência 100 anos antes.

A casa dos Vanderbeekers — uma humilde casa de arenito vermelho com um cata-vento que rodopiava nos dias de vento — encontrava-se a meio da rua. A casa era fácil de distinguir não graças à sua arquitetura, mas por causa do constante zunzum que dela saía. Entre as muitas pessoas que tinham visitado a casa dos Vanderbeekers, havia grande debate sobre aquilo que a casa era, mas o consenso era generalizado relativamente àquilo que NÃO era:

Calma
Arrumada
Aborrecida
Previsível

Naquele momento, as coisas que a casa Vanderbeeker NÃO era pareciam mais pronunciadas do que habitualmente. As crianças haviam transferido a reunião sobre o Beiderman para o quarto da Jessie e da Isa, onde o antigo aquecedor assobiou alegremente ao vê-los entrar. A Isa foi buscar o cavalete e, com um marcador na mão, preparou-se para tirar notas. A Cynthia estava a fazer crachás para todos usarem naquela reunião; tinham estampado «Operação Beiderman». A Laney havia descoberto uma caixa de clipes em forma de flores debaixo da cama da Isa e estava a prendê-los ao seu rabo-de-cavalo.

— Podíamos cantar-lhe cânticos de Natal — sugeriu a Isa. — Levar-lhe um pouco do espírito natalício.

— E se ele for judeu? Não irão os cânticos de Natal ofendê-lo? — perguntou a Jessie do seu lugar junto ao aquecedor.

— Podemos entoar cânticos de Natal e da festa judaica de Chanucá, que também é agora em dezembro — lembrou a Isa.

— *Eu tenho um pequeno pião, feito de chumbo, vamos todos jogar: um, dois, três!* — cantou a Laney, em voz bem alta e muito desafinada. Era uma canção tradicional de Chanucá. A cabeça da pequena mais parecia um jardim com tantos cliques floridos.

O Oliver tapou os ouvidos e fez uma careta.

— Isso é tão mau.

— Talvez cantigas sobre piões não seja boa ideia — concluiu a Isa enquanto a Laney continuava a entoar:

— *Pião, pião, pião, feito de chumbo!*

— Tenho a impressão de que ele não vai querer que cantemos para ele — disse a Jessie, olhando para a Laney. — Não tenho a certeza, é apenas um palpíte.

— *Pião, pião, pião!* — cantou a Laney.

A Isa tapou a boca da irmã.

— E se fizéssemos alguma coisa no prédio, como plantar flores ou qualquer coisa assim? A Sra. Josie pode ajudar. Ela tem muito jeito para as flores.

— É inverno. Nada floresce nesta altura — comentou a Jessie.

— E que tal estrelas-do-natal? É uma planta desta época — lembrou a Isa.

A Cynthia abraçou o *Franz*, que se encontrava sentado aos seus pés, e fulminou a irmã com o olhar.

— As poinsetias são venenosas para os animais.

— E que tal coroas de natal? — sugeriu a Isa.

— Custam muito dinheiro — argumentou o Oliver.

Sentindo-se muito frustrada, a Jessie soprou o ar das bochechas.

— OK, estou a ver que temos vários problemas.

— Foi enumerando com auxílio dos dedos. — Primeiro, ele não gosta de nós. Segundo, não temos dinheiro. Terceiro, nunca vimos o Beiderman e não sabemos nada sobre ele. Quarto, ele não gosta de ser incomodado. Quinto, ele não gosta de nós.

— Tens razão — concordou a Isa. — Mas tenho a certeza de que existe uma forma de lhe mostrarmos que vivermos aqui é melhor do que *não* vivermos aqui.

— Sim, mas como? — quis saber a Jessie. — A única pessoa que vemos subir até ao 3.º andar é a «Mulher Pássaro», que lhe deixa as compras uma vez por semana. — A «Mulher Pássaro» fora assim batizada porque mais parecia um grou, com as pernas compridas e escanzeladas, e o nariz afiado como um bico.

O Oliver abanou a cabeça.

— E ela não irá ajudar-nos. Cumprimentei-a algumas vezes quando passou por mim e foi como se

eu nem existisse. Uma vez espreitei para dentro de um dos sacos e estava cheio de refeições daquelas pré-congeladas.

— Blhec — fez a Cynthia.

A Jessie sentou-se à secretária e ligou o computador que partilhava com a irmã gémea.

— Vou ver se consigo encontrar alguma coisa sobre ele na Internet. — Carregou numas quantas teclas, parou, e voltou a teclar. — Que estranho. Não consigo entrar em nenhuma página.

O Oliver, que estava habituado a que a Internet deixasse de funcionar nas alturas mais inconvenientes, levantou-se.

— Eu trato disso.

As irmãs escutaram-no correr até ao átrio, depois resmungou qualquer coisa e em seguida ouviram os seus passos de regresso.

— A Internet foi desligada — anunciou o rapaz com o semblante carregado. — A mãe disse que se não fosse desligada hoje teriam de pagar mais um mês e uma taxa pela renovação do contrato.

— Fantástico — resmungou a Jessie. — Era o que nos faltava.

A Isa notou algum descontentamento no quarto.

— Talvez precisemos de mais algum tempo para arranjar boas ideias. — Pôs a tampa no marcador e empurrou o cavalete para o canto do quarto. Levantou-se com as costas muito direitas e esforçou-se por fazer um tom de voz otimista e alegre. — Voltamos a reunir-nos depois do jantar. Têm todos de trazer pelo menos duas ideias fantásticas. E eu sei que somos capazes!

Os irmãos entreolharam-se ao sair do quarto. Quando a Isa fazia aquela falsa voz animadora, isso significava que estava preocupada.

Muito preocupada.



Os miúdos Vanderbeekers passaram as horas seguintes a pensar no dilema Beiderman. Como podiam convencê-lo a mudar de ideias? Afinal, faltavam apenas cinco dias para o Natal.

Enquanto descia as escadas, agarrava no casaco e saía para o quintal das traseiras, o Oliver albergava pensamentos menos bons em relação ao Beiderman. O quintal era um espaço sombreado por um bordo centenário que todos os anos, entre outubro e dezembro,

largava montanhas de folhas. O Oliver saltou para o baloiço de corda que pendia de um dos muitos ramos. Trepou pela corda de maneira que os seus pés ficassem apoiados no grosso nó na extremidade e fez a corda balançar. À medida que ganhava velocidade e altitude, fechou os olhos e inspirou o ar frio. Quase que conseguia sentir o odor da brisa salgada que vinha do oceano. Nesse momento, estava pendurado nos cabos de um navio de piratas, a atravessar os mares para enfrentar e desafiar aquele malvado Beiderman, um homem com uma perna de pau, uma comprida cicatriz na bochecha e cujo único desejo era espelhar a destruição e o caos.

Por entre um terrível temporal, escutou o Jimmy L chamá-lo. O Oliver abriu os olhos e olhou para a casa de arenito castanho que se erguia do outro lado do pátio, onde o seu amigo acenava da janela do quarto, no 2.º andar. O Oliver esperou que a corda parasse de balançar e depois trepou-a ao estilo dos fuzileiros americanos, encaixando-a entre os pés, agachando-se e subindo até ao cimo. Tinha aprendido aquela técnica com o professor de educação física, o Prof. Mendoza — o ser humano mais fantástico que alguma vez pisara o planeta —, que havia sido um fuzileiro e que

desafiava todos os seus alunos a treparem a corda tão depressa quanto ele.

A corda levava a uma abertura na prancha de madeira que o tio Arthur instalara no ano anterior, junto à copa da árvore. O pai era um caso perdido para grandes reparações e projetos de construção de maior escala, por isso era costume ser o tio Arthur a realizar essas tarefas.

O Oliver içou-se para a placa aquecida pelo sol. Assustou um esquilo que se encontrava sentado na tampa do balde de madeira que continha as suas coisas; depois abriu a tampa e revolveu o conteúdo. Havia uma embalagem de pilhas, uma lanterna, uma mão-cheia de barritas de cereais, um *kit* de primeiros socorros (o tio Arthur insistira) e duas garrafas de *Fanta* de laranja que o Oliver tinha de esconder da mãe. Às tantas lá encontrou aquilo que procurava: o *walkie-talkie* que partilhava com o Jimmy L. Os *walkie-talkies* eram bastante úteis, uma vez que nem os seus pais nem os do Jimmy L os deixavam ter telemóveis. O rapaz ligou o *walkie-talkie* e o rádio zuniu.

Escutou estático e, logo depois, ouviu a voz do Jimmy L.

*Uma história divertida e enternecedora
sobre a família e as partidas que a vida nos prega.*



Faltam cinco dias para o Natal e os Vanderbeekers deviam estar a sonhar com presentes e bolos. No entanto, recebem uma notícia bastante desagradável do senhorio, o antipático Sr. Beiderman: vão ter de procurar outra casa para viver.

Ora, os irmãos Vanderbeekers não são crianças de ficar sentadas no sofá a lamuriarem-se; por isso, unem esforços para convencer o Sr. Beiderman a mudar de ideias antes do Ano Novo. Basta mostrar-lhe como a família Vanderbeeker é fantástica, certo? Operação Beiderman em ação!

Só que cada plano bem-intencionado corre divertidamente mal... e os Vanderbeekers vão mesmo precisar de um autêntico milagre de Natal!



«Diferente, fascinante e cómica... A família Vanderbeeker é uma raridade na literatura infantojuvenil.»

Booklist

 <p>livros que saltam à vista</p> <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-688-584-3</p> <p>9+</p>  <p>9 789896 685843</p> <p>Literatura Juvenil</p>
---	--